

# “Os chefes prometiam-nos cargos importantes”

## Entrevistas com agentes capturados da “África Livre”

Rapto, violência e demagogia são métodos frequentemente utilizados pela chamada «África Livre» para recrutar os seus agentes e ganhar colaboradores, conforme se deduz das declarações da população e de elementos capturados pelas FPLM, no distrito de Mossurize. Os detidos também confirmam o envolvimento directo sul-africano, na contra-revolução armada no nosso País.

Eles contam nomeadamente, que os futuros «soldados» são raptados em suas casas, ou durante ataques feitos a autocarros de transporte público, na Estrada Nacional Maputo-Beira. Quanto aos colaboradores eles são geralmente recrutados entre antigos régulos, em troca da promessa de restaurar a sua autoridade e privilégios antigos. Outros, segundo diz Luís Cufene, ex-colaborador dos «bandidos», tornam-se colaboradores por medo de represálias sobre si ou suas famílias.

Luís Cufene era comerciante em Matenguana, localidade de Mutanda, e pelo seu servilismo foi responsabilizado pela recolha de bens alimentares para os grupos armados em toda a área. «Sou chefe de uma família numerosa: como podia negar-me se sabia que podiam matar-me a mim ou à minha família?», defende-se. Nas suas declarações, ele acrescentou saber que a chamada «África Livre» pretende combater as aldeias comunais, machambas colectivas e cooperativas e — entre outras coisas — promete vir a beneficiar os comerciantes.

Jaime Abílio Siteo, de 27 anos de idade, foi raptado na Estrada Nacional n.º 1, após um ataque realizado contra um autocarro, em Outubro de 1980. Treinou durante dois meses num acampamento militar, tendo sido, depois despachado, com noventa outros companheiros, para a área de Mavumuze, onde segundo afirma, deve-

riam abrir um acampamento. Ele confirma a colaboração subserviente que existe para com a reacção armada por parte de alguns antigos régulos, desejosos de retomarem o poder e oprimirem o Povo.

BISSAROME FILIPE, de 19 anos, é natural de Chitondo, distrito de Mossurize. Diz ter sido raptado em sua casa, em Novembro de 1977. Recebeu treinos no acampamento principal do distrito de Mossurize, destruído, em 1980, pelas FPLM. Durante seis meses, lá trabalhou com instrutores sul-africanos e portugueses que «ensinavam a manejar morteiros, rádios-transmissores, artilharia». O armamento acrescenta, vinha, na maior parte da África do Sul. Outro prisioneiro, treinado em fins do ano passado no acampamento de Chagonjo, menciona também a presença de antigos «auxiliares de Muzorewa», que servem como instrutores nos acampamentos da África Livre.

Aos que têm alguns estudos, os chefes prometem que não de vir a ter cargos importantes, ficar em gabinetes. Quanto aos que não estudaram, não de vir a ser motoristas, acrescenta ainda Filipe Paulo. O recurso à superstição para explorar a ignorância e o baixo nível de consciência política das pessoas, é outra arma usada pelos grupos armados. Assim, os nossos entrevistados referem-se frequentemente à realização de cerimónias com feiticeiros, antes dos combates «para se poderem defender das balas dos comunistas», a par da utilização obrigatória de doses de suruma, «para elevar o moral dos soldados». O obscurantismo é também usado para evitar que os desiludidos se entreguem às forças de Defesa e Segurança. «Se vocês fogem — dizem-lhes os cabecilhas não de ser comidos por leões, antes de atingirem o destino, porque os espíritos apenas protegem os que estão a lutar conosco».



**Filipe Paulo:** «Antes dos combates, o feiticeiro fazia cerimónias para não sermos atingidos pelas balas»



**A direita: Luis Cufene, ex-comerciante e colaborador da «Africa Livre», detido pelas forças de Defesa e Segurança em Machaze**



**Jaime Abilio Siteo:** «Contactávamos com antigos régulos para que nos arranjassem comida»



**Bissarome Filipe:** «Durante os treinos, tínhamos instrutores portugueses e sul-africanos lá na base, que ensinavam a manejar morteiros, rádios, transmissores e artilharia»